



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Isilea Gomes do Rosário<sup>1</sup>  
Marilu Márcia Campelo<sup>2</sup>**

**NÃO É SÓ MÉDICO QUE CURA! O USO DAS ERVAS MEDICINAIS NO  
CUIDADO DA SAÚDE PELAS MULHERES MAIS VELHAS DE UMA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ACARÁ/PA**

**RESUMO**

O presente trabalho buscou saber a importância do uso das ervas medicinais na vida das mulheres mais velhas de uma comunidade quilombola do município do Acará/PA, pois este é um meio de cura muito utilizado pelas mulheres na Comunidade quilombola do São José. A comunidade enfrenta o risco dessa cultura desaparecer devido ao desinteresse dos mais jovens. O público alvo dessa pesquisa foram mulheres mais velhas, conhecidas e respeitadas, com idade entre 65 a 98 anos. A amostra envolveu cerca de 6 mulheres da comunidade, com exceção de uma que mora em uma comunidade vizinha, Flexal. A coleta de dados e informações foi feita

com o uso de entrevista face a face, com perguntas elaboradas pela entrevistadora, gravadas em um aparelho celular, juntamente com o registro de imagens fotográficas. Concluiu-se que o uso das plantas na comunidade segue como uma cultura forte na vida das mulheres e em de toda comunidade.

**Palavras-chave:** Ervas medicinais; Comunidade quilombola; Mulher quilombola.

**ABSTRACT**

This study sought to determine the importance of using medicinal herbs in the lives of older women in a quilombola community in the municipality of Acará, Pará, as this is a widely used healing method among women in the São José Quilombola Community. The community faces the risk of this culture disappearing due to the lack of interest among younger people. The target audience for this research was well-known and respected older women, aged 65 to 98. The sample included approximately six women from the community, with the exception of one who lives in a neighboring community, Flexal. Date and information collection was conducted through face-to-face interviews, with questions developed by the interviewer and recorded on a cell phone, along with photograph pictures. The conclusion was that the use of plants in the community remains a strong culture presence in the lives of these women and the entire community

---

<sup>1</sup> Graduanda de Licenciatura em Ciências Sociais (UFPA).

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia Social (USP); Docente da UFPA.

**Keywords:** Medicinal herbs; Quilombola community; Quilombola Woman.

## **1 INTRODUÇÃO**

O campo do saber empírico é vasto e com isso a importância de considerarmos os saberes ancestrais e tradicionais nos processos de estudos científicos. Portanto, essa questão levou-me a pesquisar sobre a nuance “Não é só médico que cura!: o uso das ervas medicinais no cuidado da saúde pelas mulheres mais velhas de uma comunidade quilombola no Acará/ PA”.

Este é um estudo sobre o uso das ervas medicinais no cuidado da saúde das mulheres mais velhas na Comunidade quilombola do São José, no município de Acará, no estado do Pará. O uso das ervas medicinais está presente em diversas comunidades tradicionais, exercendo uma grande finalidade, na saúde e no fortalecimento da cultura. A prática das ervas se deu a bastante tempo, sendo constantemente usadas como método de cura e resistência sociocultural, sendo praticada até os dias atuais. Todavia, atualmente o uso medicinal das ervas é mais exercido pelas mulheres mais velhas, tendo em vista que foi um saber deixado por seus ancestrais, e são essas mulheres que se sentem responsáveis em dar prosseguimento nesse saber repassando para seus descendentes.

O quilombo do São José fica localizado na zona rural do município de Acará, no bairro do Jacarequara, residem um total de 14 comunidades quilombolas, cada comunidade com suas características específicas. No quilombo do São José moram 72 famílias, um total de 153 moradores, 62 mulheres, 11 mulheres idosas, um total de 20 idosos entre homens e mulheres, 60 casas no total, todas as casas são construídas em alvenaria. O nome da comunidade São José vem da imagem de um santo que pertencia a uma antiga moradora da comunidade conhecida como tia Marcela, hoje falecida. A comunidade nem sempre foi assim como é hoje, com tantos moradores. A prática de plantar e criar animais é comum na comunidade, criavam galinha, peru e porco, faziam muitas plantações como, mandioca, milho, batatas, verduras, dentre outros, permitindo maior diversidade alimentar e garantindo o sustento das famílias.

Outrossim, observa-se que o conhecimento e uso das ervas por essas mulheres continua sendo uma prática forte na comunidade, por meio do cotidiano, com conversas e trocas das plantas medicinais que são feitas, elas podem fortalecer a cultura do uso das ervas e a identidade quilombola. Tendo em vista que na comunidade são encontradas muitas plantas, que são de fácil acesso nos seus quintais, esse é o método que essas mulheres usam para serem curadas de determinadas doenças e enfermidades, e assim, contribuindo com o saber que aprenderam, repassando para outras gerações. Mas por outro lado, são essas mesmas

mulheres que se entristecem ao perceber o risco desse saber cair no esquecimento pela falta de interesse da juventude.

O estudo aborda também a história de vida da vó Guajarina, já falecida, que pôde contribuir com práticas de partejar, puxar e curar. Assim como tia Aduzina que é a mulher mais velha da comunidade, sendo exemplo para as outras mulheres mais novas, símbolo de resistência e sabedoria, fazendo do seu saber um instrumento de ajuda, com suas práticas de curas no cotidiano da Comunidade quilombola do São José, onde faz o uso das ervas até os dias atuais.

Vó Guajarina é minha bisavó, ela é avó da minha mãe, eu nasci e cresci na comunidade, tenho 31 anos de idade, casada e com dois filhos. Quando eu nasci não deu tempo da minha mãe ir para o hospital, por esse motivo eu nasci na comunidade, mas não foi vó Guajarina que fez o parto, foi uma tia minha chamada Clarisse, que ajudou minha mãe na hora do parto, ela não era puxadeira, a única experiência dela foi no meu nascimento, realmente foi preciso. Segundo minha tia, foi tudo muito rápido, por isso não deu tempo da minha mãe ir para o hospital, acredito que por esse motivo minha vida sempre foi no convívio com tudo que há dentro da comunidade, meus laços são muito fortes com o quilombo e com todos os moradores. Somos quatro irmãos, eu fui a única que nasci na comunidade, o nascimento dos meus irmãos foram todos em hospitais. Eu sempre vi minha família fazer uso das plantas medicinais. Se eu faço uso das plantas medicinais como meio de cura? Sim, eu faço, inclusive faço alguns para meus filhos quando estão doentes, como o chá da batata do marupazinho, para dor de barriga. Eu sou mãe de um casal, Christian e Isis, como eu não conheço muitas plantas medicinais e receitas, quem sempre me instrui, em que folha, raízes, batatas, pegar é minha mãe, minhas avós e as demais mulheres da comunidade, sempre são elas, as mulheres mais velhas que me ensinaram, e ensinam as demais mulheres que planta usar, como usar e onde conseguir as plantas. Então um pouco do que sei hoje foi repassado por meus ancestrais, e desejo aprender mais e mais sobre o saber das plantas medicinais.

A prática de partejar, puxar e curar foi exercida na comunidade pelas mulheres mais velhas, algumas já falecidas, acredita-se que possuíam esse saber como um dom que era herdado dos seus antepassados. Em períodos atrás a comunidade era de maioria pertencente ao catolicismo, hoje a comunidade foi alcançada pelo evangelho, passou-se a acreditar em outro meio de fé e outra doutrina.

Com isso, o objetivo principal deste trabalho foi entender a importância das ervas medicinais na vida dessas mulheres, e as principais plantas que são utilizadas e seus benefícios, como meio de fortalecimento da cultura e da relação pessoal dos moradores, e os

desafios enfrentados para a continuidade desse saber na comunidade, conforme expressa Clifford (2011), ao se fazer a análise dessas complexas transformações, deve-se ter em mente o fato de que a etnografia está, do começo ao fim, imersa na escrita. Está escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual” (Clifford. 2011. p. 21).

## **AGRADECIMENTOS<sup>3</sup>**

---

<sup>3</sup> Primeiramente agradeço a Deus, que sem ele em minha vida, nada seria possível. Este trabalho é dedicado aos meus amados pais, que sempre estiveram ao meu lado a vida inteira, foram meus maiores e melhores orientadores na vida. Dedico essa aprovação meu cônjuge que sempre foi meu braço direito, me apoiando, nunca deixou de me levar nas aulas. Agradeço também a minha sogra que sempre esteve disposta a ficar com meus filhos mesmo nos momentos de cansaços.

Estendo meus agradecimentos à toda minha família (irmãos, tios, avós, primos, sobrinhos). Aos meus amigos que conviveram comigo nos últimos anos, agradeço por todos os momentos de aprendizagem em conjunto, nunca me abandonaram. Dedico o resultado desta pesquisa à minha professora orientadora, professora Dra. Marilu Campelo. A todos os professores, que de um jeito ou de outro, deram sentido à minha formação.

## 2. QUILOMBO SÃO JOSÉ: UMA HISTÓRIA DE VIVÊNCIAS E LUTAS

Figura 1 – Igarape Jacarequara



Fonte: Edielza Dias (2007).

Figura 2 - Porto São José



Fonte: Edielza Dias (1983)

As duas imagens (figura 1 e 2) acima demonstram um pouco da realidade dos moradores quilombolas da Comunidade do São José, antes da chegada da rodovia Alça Viária. Nesse período, a população dependia exclusivamente dos barcos e da maré alta para fazer suas viagens e ir às feiras. No porto era o local onde as mercadorias eram concentradas para serem exportadas pelo barco, devido ser o único meio de transporte usado pelos moradores da

---

Por fim, faço uma dedicatória especial aos meus amados filhos, que foram meus motivos para não desistir, com quem agora quero aproveitar a vida. Como não poderia ser de outra forma, dedico esse trabalho a eu mesma, por todo esforço incondicional que fiz para concluir esta graduação.

região. A chegada da rodovia Alça Viário trouxe desenvolvimento econômico e retrocessos para muitos, principalmente em relação às ocupações dos territórios quilombolas do município do Acará. Nesse viés Berno (2024) reforça que:

[...] Não obstante esta distinção relativa a “dominialidade”, pode-se afirmar que ambas são consideradas como “terras tradicionalmente ocupadas “seja no contexto constitucional ou nos infraconstitucionais e enfrentam na sua efetivação e reconhecimento obstáculos similares. De igual modo são consideradas como terras tradicionalmente ocupadas, e enfrentam obstáculos a sua efetivação, aquelas áreas de uso comum voltadas para extrativismo, para a pequena agricultura e para pastoreio, focalizadas por diferentes instrumentos jurídicos que buscam reconhecer suas especificidades, quais sejam. (Berno 2024. p,11)

A Comunidade quilombola do São José se assemelha a essa abordagem de Berno em muitos aspectos, desde quando tiveram suas terras invadidas, já havia um povo que residia nesses territórios, faziam suas plantações para seus sustentos e de toda família, com a invasão tiveram de unir suas forças para enfrentar o mal que penetrava a comunidade. Em 1983 uma invasão foi feita na comunidade, por um empresário que contratou vários homens na tentativa de comprar as terras dos quilombolas, mas como não tiveram sucesso na compra, tentaram tomar na força e na violência as terras dos moradores.

Tendo como nome Oliveira, homem de grandes negócios na capital paraense, ele queria comprar as terras para fazer uma fazenda, pois é terra fértil, com abundância de água e de árvores frutíferas. Funcionava um porto muito movimentado na comunidade, onde era feito a venda e escoação de todos os produtos agrícolas da região, como a mandioca, a farinha, a maniva, carvão, entre outros. No período dessa invasão, os moradores não tinham o documento da terra em mãos para provar que a terra pertencia a eles, com isso todos os anos para o documento não perder a validade tinha de se pagar uma taxa, chegou um tempo que eles não pagavam mais essa taxa o que levou o documento perder validade.

O não registro e validação dos registros das terras foi a “faísca no barril de pólvora” para que começassem os ataques. Segundo dona Raimunda, de 77 anos “derrubaram as casas e atearam fogo, deixando todos sem moradia, as famílias tiveram de ficar em um barraco onde funcionava uma subsede do sindicato na comunidade, e nos roçados onde estava plantando a maniva (mandioca), arrancavam para plantar capim, roçaram toda área quilombola derrubando as plantas frutíferas da comunidade. Os moradores mais velhos, que eram os chefes e líderes da comunidade, junto com todos os outros moradores, resistiram e lutaram para não perderem seus territórios. Orientados e avisados que sua única saída era provar que as terras eram deles por meio de documentos, um pequeno grupo de homens saíram atrás dos documentos que estavam nas mãos do advogado, em Belém, que entregou aos moradores e os

ajudou na causa, provando que as terras pertenciam ao povo da comunidade, conseguindo uma ordem judicial para mandar os invasores para fora da terra quilombola.

Não conformados, os invasores iam de casa em casa com a tentação<sup>4</sup> deles, querendo tirar o que era nosso, tomaram de nós os roçados de mandioca, que serviam de nossa fonte de sobrevivência e plantaram capim, chegamos a passar fome, porque eles tomaram tudo que era nosso, nós não tínhamos onde trabalhar, eles apanhavam os nossos frutos na nossa frente e nós não podíamos falar nada, eu chorava de raiva mais não podia fazer nada senão os pistoleiros matava, eles provocavam nossos maridos, só para eles bater e até matar, eu dizia para meu marido não se rebarbar<sup>5</sup> contra eles, porque eu ficava com medo deles matarem ele”.

Ainda segundo a moradora, “os homens, os chefes saíram de noite e tiveram de deixar nós só, com os filhos, com aqueles homens, e nós com medo, mas ficamos, nós só podíamos rezar para que nossos maridos trouxessem ajuda. Quando eles voltaram trouxeram um papel de lá, de Belém, que um advogado deu pra eles, não lembro o nome do advogado agora, dizendo que era para os capangas pararem, que eles não podiam fazer isso”, afirma dona Raimunda, de 77 anos, moradora que viveu esse período de invasão e luta.

Por tais ocorrências, os quilombolas manifestaram e manifestam-se nacionalmente como afirmação de luta e resistência contra o escravismo e as condições que esse fator colonial impõe até os dias atuais. Todavia, como salienta Moura (2021, p. 25) saber até que ponto esse protesto, essa posição de resistência individual ou grupal correspondiam a possibilidade de um projeto de nova ordenação social é outra discussão.

Na fala acima, de dona Raimunda, podemos perceber a crueldade que os moradores sofreram, foram sinônimo de resistência quando resistiram em não vender suas terras. Da mesma forma em que Moura demonstra no trecho que os negros resistiram contra as opressões que sofriam, se organizando de forma individual ou grupal para melhores condições de vida.

A coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) estima a existência de aproximadamente 6.300 comunidades quilombolas no Brasil e uma população entre 10 e 15 milhões. Esses dados são estimados pelo próprio movimento, em razão da inexistência de um censo específico para a população quilombola (Carneiro; Barbosa; Adams, 2022, p. 50). A Fundação Cultural Palmares é responsável pela certificação das comunidades quilombolas. Em via desta, se representa o primeiro passo para a regularização dos territórios. Atualmente, são apenas 3.475 comunidades certificadas (Carneiro; Barbosa; Adams, 2022, p. 50).

---

<sup>4</sup> Provocação instigando o conflito.

<sup>5</sup> Brigar; partir para o conflito.

Na atualidade, a Comunidade quilombola do São José ainda não é titulada, mas possui um certificado comprovando que a comunidade é de cunho quilombola. Para realizar essa titulação é um processo burocrático, mas há na comunidade alguns moradores que possuem seus títulos de terra própria, pois estes, por escolha própria, não são associados na associação de moradores local, são pessoas que em algum momento compraram um pequeno pedaço de terra dentro da comunidade, por não serem quilombolas, e não se considerarem, não querem fazer a liberação de seus documentos. Portanto, somente por meio de todos os documentos da região e da comunidade é que poderá torna-se regularizada a Certidão Palmares. Entretanto, as lideranças seguem constantemente na luta para essa regularização.

Os meios de sobrevivências dos quilombolas da comunidade do São José mudaram, as atividades de plantações não são tão exercidas como antigamente, inclusive os meios de trabalhos dos moradores, não que essa prática tenha acabado, apenas não é mais tão desenvolvida como antes. Na atualidade as famílias criam galinhas, porcos, mas os porcos que ainda criam é para serem vendidos. Hoje muitos moradores da comunidade são funcionários públicos, trabalham na escola da comunidade, no posto de saúde, na igreja, também em uma empresa de açaí de uma moradora da comunidade. Com a abertura de sua empresa, a dona pôde estar empregando alguns moradores, que hoje trabalham de carteira assinada. Essas atividades diversificaram os meios de sobrevivência nesse território quilombola.

Na comunidade antes não havia energia elétrica, tudo era mais difícil, a água era natural, armazenada em balde ou pote de barro, as carnes tinham de ser salgadas para não estragar, quando chegava noite o querosene não podia faltar nas lamparinas para iluminar as casas. Hoje a comunidade já possui energia elétrica, o que fez com que muitas coisas boas chegassem. Os moradores que trabalham nas roças podem vender seus produtos diretamente para o consumidor, como mandioca, farinha, milho, goma que é extraída da mandioca, carvão e açaí. Antes as vendas eram feitas somente dentro da comunidade para os marreteiros, pessoas de dentro da comunidade mesmo, o que fazia a mercadoria mais barata. Elas dependiam do igarapé que tinha de encher (maré alta) para a viagem acontecer. Com a abertura da Alça Viária a 5 km de distância da comunidade, houve um pequeno progresso local.

Atualmente a comunidade possui um posto de saúde com uma médica clínico geral, uma enfermeira pediatra e duas técnicas de enfermagem, possui também uma escola digna, que por sinal, fruto da luta dos pais dos alunos da comunidade que não aceitaram que seus filhos estudassem em uma escola que já estava caindo aos pedaços, então resolveram protestar e lutar. Além disso, há duas igrejas evangélicas, uma presbiteriana a outra adventista, a

presbiteriana funciona nas terças, quintas e domingos, algo que não passa despercebida ao se aproximar da igreja são as castanheiras que se destacam pelos seus tamanhos imponentes e frutos, já a igreja adventista funciona aos sábados e domingos.

No esporte, há uma arena de futebol, local onde homens, mulheres e crianças se reúnem todas as tardes para jogarem futebol e conversarem. Ao lado da arena tem a casa do Edson, conhecido como Tatá, lá quase todas as tardes tem um cafezinho oferecido por ele, quem chega lá, toma café, essa prática acontece geralmente entre quatro e cinco horas da tarde, nos dias em que não tem culto na igreja. O igarapé é mais movimentado no verão pelos moradores, pois no inverno a água fica escura (preta), fazendo com que os moradores não frequentem tanto, com medo de cobras, como a sucuri, mas no verão a água é mais clara, isso permite o movimento de banhistas, até de pessoas de fora da comunidade que vem para se refrescar nas águas do igarapé.

Na comunidade tem dois ramais (ruas) que ainda são de chão, um principal que leva até o igarapé e outro que leva para uma vila de casas, conhecido como rua de fora e rua de dentro, ambas ligam um ao outro. A comunidade tinha um campo de futebol chamado beira rio, mas com a luta dos pais por uma escola digna para seus filhos, os moradores resolveram ceder uma parte do campo para ser construída a escola.

A sede da associação de moradores fica localizada na mesma área da arena, é o lugar onde a população se reúne para realizar as reuniões comunitárias, entre outros eventos, como qualquer ação quando se trata de documentação, e até aniversário. Há também uma horta que fica atrás da sede da comunidade, onde é plantado variados tipos de verduras. Durante as manhãs, geralmente das cinco horas da manhã, de segunda a sexta, os ramais são bem movimentados pelos moradores que vão para seus trabalhos, e pelos pais que levam seus filhos para a escola no horário de sete até às oito horas da manhã, quem vai para o roçado vai, quem vai para outros tipos de trabalho vai.

Na comunidade é realizado no mês de julho os Jogos Quilombola, evento muito esperado por todos da comunidade, pois esses jogos envolvem todas as comunidades do Jacarequara, é um evento que gera engajamento, pertencimento e desperta o interesse, principalmente dos jovens. Outro evento é o Festival de Açaí que acontece no mês de setembro na comunidade, esse é um evento organizado pela igreja Monte Sião. O festival geralmente acontece em três dias, é um evento que a cada ano que passa ganha mais visibilidade, recebendo muitos turistas que vem para tomar o ouro negro da Amazônia, o açaí.

Portanto, nesse contexto de pertencimento e engajamento da luta quilombola, a união do povo que vive ali na comunidade é muito forte, a exemplo, se algum morador passar por

problema de saúde e precisar fazer exames ou até mesmo cirurgia, como foi um caso recente que aconteceu com um morador de uma comunidade vizinha, que precisou fazer uma cirurgia com urgência no valor de 60 mil reais, foi feito um jogo beneficente, para arrecadar o valor, foram feitas doação de alimentos, sorteios e muito mais, todos se solidarizam com a causa.

### 3 APRESENTAÇÃO DAS PARTICIPANTES

Figura 3 – Maria da Conceição



Fonte: Banco de imagens da autora (2025).

Dona Maria da Conceição (73 anos) fazendo no fogão de barro o chá da folha da Amoxicilina que colheu no seu quintal. O chá da Amoxicilina é usado por ela para tratar inflamações e mal estar no estômago.

Figura 4 – Maria dos Anjos



Fonte: Banco de imagens da autora (2025).

Dona Maria dos Anjos (84 anos) faz o chá da folha do pirarucu na cozinha de sua casa. O chá da folha do pirarucu é usado para combater colesterol alto e gastrite.

Figura 5 – Raimunda Gomes



Fonte: Banco de imagens da autora (2025).

Dona Raimunda Gomes (77 anos) está colhendo a folha da alfavaca para fazer o banho para lavar a cabeça. Alfavaca misturada com a folha da laranja da terra, folha do vindicar, é um poderoso banho para combater a gripe.

Figura 6 – Antônia Sérgio



Fonte: Banco de imagens da autora (2025).

Tia Antônia Sérgio (71 anos) está colhendo a folha do sabugueiro para fazer o chá para sua irmã. O sabugueiro combate asma e gripes.

Nesta seção serão descritas as seis mulheres, idosas quilombolas, que participaram da pesquisa. Elas possuem idade entre 65 e 98 anos, todas as participantes se declaram evangélicas. Sendo que todas elas são mães e têm entre 2 e 7 filhos. Quatro se declararam pretas e duas negras. As identidades e imagens expostas foram devidamente autorizadas para uso neste trabalho.

Quadro I - Descrição das participantes.

Nome	Idade	Estado civil	Número de filhos	Religião	Autodeclaração
Ana Maria	65 anos	Separada	2 filhos	Evangélica	Negra
Antônia Sérgio	71 anos	Viúva	2 filhos	Evangélica	Preta
Aduzina Gomes	98 anos	viúva	6 filhos	Evangélica	Negra
Maria da Conceição	73 anos	Casada	3 filhos	Evangélica	Preta
Maria dos Anjos	84 anos	Viúva	7 filhos	Evangélica	Preta
Raimunda Gomes	77 anos	Viúva	7 filhos	Evangélica	Preta

Fonte: Elaborado pela própria autora (2025).

A pesquisa teve como métodos a entrevista face a face e registro fotográfico feito com o celular. As perguntas estruturadas foram direcionadas às mulheres entrevistadas nesta pesquisa, conforme o quadro a seguir.

Quadro II – Questionário ou a relação das perguntas aplicadas às entrevistadas.

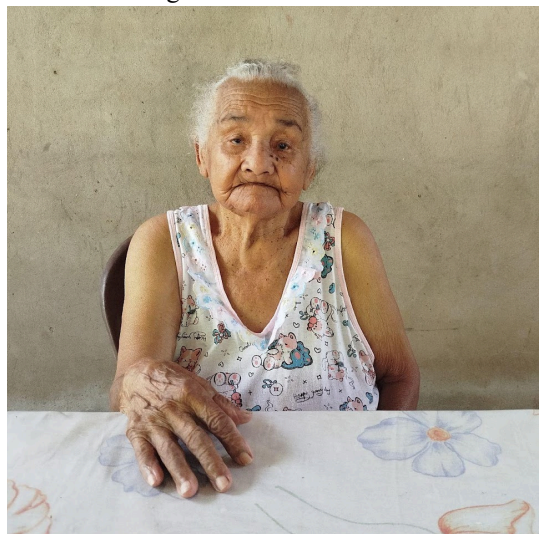
Pergunta 1 -Qual sua idade?
Pergunta 2- Há quanto tempo a senhora mora na comunidade?
Pergunta 3- Qual sua atividade atualmente ou ocupação principal
pergunta 4- A senhora faz uso de plantas medicinais como meio de curar doenças?
Pergunta 5- como a senhora aprendeu a usar as plantas medicinais (com mãe, pai, vizinhos, ou experiência própria)?
Pergunta 6- A senhora ensina esse conhecimento para outras pessoas?
Pergunta 7 - Onde a senhora consegue essas plantas medicinais (possui no quintal, com o vizinho, compra no mercado)?
Pergunta 8- Quais plantas medicinais a senhora mais usa?

Pergunta 9- A senhora acha que está mais fácil ou mais difícil encontrar essas plantas hoje em dia?

Pergunta 10- A senhora percebe o interesse dos jovens da comunidade em aprender sobre as plantas medicinais?

### 3. NÃO É SÓ MÉDICO QUE CURA!

Figura 7 - Dona Aduzina



Fonte: Banco de imagens da autora (2025)

Dona Aduzina (98 anos) é a mulher mais velha da comunidade, nasceu e cresceu na comunidade quilombola, é viúva e tem 6 filhos, criou seus filhos trabalhando na roça, e apesar da idade e suas dores ela se esforça para buscar na memória as lembranças de uma história de vida na qual as ervas foram essenciais em um período em que ter acesso a remédios farmacêuticos era muito difícil, buscavam nas plantas a cura que precisavam para serem curados. Ela sempre fez uso das ervas, sua mãe e avó que a ensinaram. Dona Aduzina sempre gostou de ter suas ervas, sua plantinha no seu quintal é em sua maioria usada para fazer seus remédios, seus chás para tomar quando precisa. Quando ela não sentia tanta fraqueza no corpo, gostava de plantar, de cuidar das plantas, tinha o cuidado de molhar todas as tardes para não morrer, tinha todo um cuidado, agora com a fraqueza ela não pode mais.

Sinônimo de conhecimentos herdados da sua ancestralidade e símbolo da luta quilombola na comunidade do São José, dona Aduzina sempre recebe suas visitas com um sorriso no rosto. Na comunidade foi onde seus filhos também nasceram e cresceram, todos nascidos pelas mãos de parteiras. Ela presenciou toda a luta do povo para não ter de vender a terra, sendo hoje muito respeitada por todos da comunidade. Seus conhecimentos sobre as

ervas contribuíram e continuam contribuindo para o prosseguimento da cultura das ervas. Ela é sinônimo de força e coragem, é exemplo para muitas mulheres da comunidade. (Com a entrevistada finalizada, ao me retirar, dona Aduzina me falou: Minha filha, Deus te abençoe, que tudo vai dar certo pra ti, fiquei emocionada).

Seguindo ao discurso, há uma relação dialética temporal entre passado e presente na história oral, onde um interfere no outro e o modifica, sobretudo nas instâncias da memória. Como Walter Benjamin afirmava, nada do que um dia aconteceu, pode ser considerado perdido para a história. No entanto, articular o passado, num determinado contexto do presente, é apropriar-se de uma reminiscência, elaborada. E a memória altera a ambos (Lima, 2019, p.36).

Figura 8 - Vó Guajarina



Fonte: Desconhecida (2022)

Vó Guajarina, mãe de dona Antônia, não está no quadro das mulheres entrevistadas, mas foi uma mulher muito importante no meio da comunidade São José, ela era muito amorosa, gostava de criar galinhas e patos. Foi uma mulher exemplar para as outras mulheres da comunidade, morreu aos 94 anos, ela era uma parteira muito procurada. As mulheres também a procuravam para mandar puxar a barriga quando estavam grávidas. Ela realizava partos tanto em sua casa como fora, tinha todos os cuidados para que tudo ocorresse da melhor forma para o nascimento da criança. Não era qualquer mulher que tinha esse dom de fazer parto. Vó Guajarina durante sua história de vida contribuiu muito com seus saberes e práticas na comunidade – uma conhecedora de muitas ervas e plantas, pôde ajudar a curar muitas pessoas com doenças, como gripes, inchaços no corpo e dores causadas por outros tipos de enfermidades. Em vida ela teve a oportunidade de repassar para suas filhas o

conhecimento sobre as ervas e plantas, de como usar em remédios, pois sempre estava disposta a ajudar quem a procurava por seus conhecimentos sobre as plantas que curam, ajudando a vir ao mundo muitas crianças da comunidade com seu dom de parteira e puxadeira.

Ana Maria (65 anos) moradora da comunidade do flexal, ela é a única das entrevistadas que mora em outra comunidade, seu amor pelas plantas, e sua frequência em fazer uso de chás, remédios caseiros, me fez colocá-la no quadro das entrevistadas. Dona Ana Maria é separada, tem um casal de filhos, sua filha mudou-se para Portugal, seu filho vive na mesma comunidade quilombola que ela, mas em outra casa, pois já é casado. Dona Ana Maria mora sozinha, sua casa é frequentada mais pelo casal de netos. Ela é uma mulher muito forte, suas constantes dores fazem com que ela faça muito uso de remédios caseiros, pois ela mesma faz, sua casa é cheia de ervas, quando ela não tem no seu quintal, pede para os vizinhos ou ela compra nas feiras. Dona Ana Maria é conhecedora de muitas plantas medicinais, seu saber sobre as plantas é referência na comunidade em que vive. O saber sobre as plantas medicinais foi ensinado a ela por sua mãe e outros aprendeu assistindo na internet, assim seu saber sobre as plantas vai aumentando mais e mais.

Tia Antônia Sérgio é minha tia de sangue, sua mãe é avó Guajarina, minha bisavó já faleceu. Tia Antônia tem dois filhos, um de sangue e outro de criação (adotivo), e cinco netos, ela é viúva, seu marido faleceu logo após o falecimento da avó Guajarina, sua mãe, ela conta que foi uma dor muito grande que ela teve de suportar. Mas segundo ela o Deus que ela serve deu forças para suportar a dor. Tia Antônia cresceu vendo sua mãe, vó Guajarina, fazendo uso de remédios caseiros ao mesmo tempo ela ensinava para tia Antônia, sempre ficava observando quando sua mãe ensinava para outras mulheres como fazer remédios, por isso ela sabe sobre as plantas medicinais e qual remédio fazer para as doenças. Tia Antônia é uma senhora muito ativa na comunidade a qual vive, dificilmente ela falta nos cultos da igreja, ela gosta muito de cantar, segundo ela, cantar faz ela muito feliz.

Como diz dona Antônia Sérgio, de 71 anos, “as mulheres têm muito conhecimento das ervas porque foi ensinada para elas. A cultura antigamente era assim, sobre as ervas. Eu não pretendo abandonar essa prática”. Como afirma Costa, Insali e Gomes (2025), “os profissionais dessa medicina são altamente respeitados e vistos pela comunidade como pessoas dotadas de dons mais valiosos que se pode ter” (Costa; Insali; Gomes, 2025, p.7).

Nesse sentido, todas as mulheres entrevistadas fazem uso de plantas medicinais como meio de cura, foram ensinadas para elas, sentem-se orgulhosas de possuir esse conhecimento e praticarem na comunidade. Os procedimentos e técnicas da medicina tradicional africana

envolvem o uso de agentes naturais de cura, como folha, raízes e ervas, além da invocação de entidades espirituais por meio de encantamentos e outros rituais (Ajima; Urbana, 2018).

As mulheres mais velhas têm a sabedoria e o conhecimento dessas plantas medicinais para fazerem uso, são elas as primeiras que se movimentam em fazer os remédios medicinais, sejam por meio de plantas, raízes ou chá. Fazer uso das ervas e raízes como as praticadas na Comunidade quilombola do São José, são heranças dos antepassados. A religião da comunidade era o catolicismo, acreditava-se que através das rezas, benzeções e rituais poderiam ficar curados de quaisquer doenças e protegidos do mal, como o mau olhar e quebranto.

O meio de fé era acreditar nessas culturas que praticavam na comunidade, a pessoa que possuía o dom era quem realizava as curas, e por longos anos foi dessa forma que a comunidade crescia e se desenvolvia. Atualmente faz-se uso apenas das plantas e raízes medicinais na comunidade no combate às doenças. Não há mais parteiras e benzedoras, pois as mulheres que o faziam partos, puxamentos, e benzeção já faleceram, eram por essas práticas de saberes que se davam os cuidados com a saúde das mulheres e de toda comunidade antigamente.

Em ênfase, partejar, benzer, fazer rituais foram desaparecendo na comunidade, os moradores foram tendo outra perspectiva de vida e doutrinas de fé, levando aos poucos a comunidade a ser alcançada com o evangelismo cristão, pois hoje 99% dos cidadãos do São José é composta de pessoas evangélicas. Elas passaram a crer que a verdadeira cura vem de um Deus que tudo pode, que por meio da sua fé e do uso das plantas medicinais é que elas são curadas. Portanto, mesmo havendo uma mudança de crença religiosa, a comunidade continua fazendo uso das ervas e raízes como um meio de curar doenças do povo quilombola.

A relação com as plantas e a utilização destas como fontes medicamentosas em preparações tradicionais de cura nas comunidades através de chá (infusão), sucos, unguentos e elixires, elaborados a partir de espécies previamente conhecidas, sejam elas nativas ou exóticas (Faria; Martins, 2021, p. 12).

As mulheres mais velhas em princípio de doenças recorrem logo para seus quintais para pegar erva ou raízes, fazendo seus remédios caseiros para tomarem e serem curadas, como sempre fizeram. As ervas medicinais trazem benefícios para a saúde da população quilombola, as pessoas fazem uso das ervas quando passam por algum problema de saúde, porque foi a cultura que foi ensinada para elas por seus ancestrais, e continua sendo praticada até os dias atuais pelas mulheres mais velhas. As ervas, raízes e folhas tem seu poder

milagroso de curar, por isso a importância de saber os meios para fazer todos os procedimentos durante a utilização delas nos processos de cura.

Recordo-me que quando eu estava na entrevista com dona Antônia em sua casa, sua neta estava com um pano molhado no olho, foi aí que eu perguntei o que era e dona Antônia me respondeu que era o chá da vinagreira roxa, pois sua neta estava com conjuntivite, uma inflamação que dá no olho. Nesse caso, o chá da vinagreira roxa serve para desinflamar a região, segundo dona Raimunda.

As mulheres mães e avós são quem procuram fazer os remédios, que plantam as plantas medicinais, saem no quintal, vão a casa do vizinho para pedir plantas quando não tem no seu quintal, muitas vezes vão para os igapós à procura de plantas e raízes para fazer remédios. Importante ressaltar que, mesmo havendo um posto de saúde na comunidade, o uso das ervas não ficou de lado para essas mulheres, que muitas vezes deixam de consumir os remédios das farmácias para usar os remédios feitos das plantas, tendo em vista que são naturais e não possuem composições tóxicas. Nesse contexto, é provavelmente mais fecundo para o avanço do conhecimento que as trocas entre sistemas de conhecimento se restrinjam a um escambo de produtos, de achados e descobertas, de procedimentos de cuidados com o ambientes naturais, sem que, por mais possam reciprocamente se inspirar, se dissolvam os protocolos de pesquisa e verificação de uns nos protocolos dos outros. O compartilhamento é transformador para quem quer ensinar e para quem quer aprender. É o papel que as mulheres mais velhas executam com seus conhecimentos medicinais, elas procuram repassar esse conhecimento para quem quer aprender. Elas partilham seus conhecimentos por meio das relações que constroem no seu cotidiano, e das trocas de plantas que são feitas. Dialogar sobre os conhecimentos, é extremamente importante para o desenvolvimento e fortalecimento dos saberes. Dificilmente elas voltam para suas casas sem uma planta em mãos. Essas trocas contribuem para o fortalecimento de uma cultura que vem se mantendo por gerações e permitem que as plantas medicinais e as mulheres fortaleçam ainda mais um relacionamento de conhecimento entre ambas.

#### **4 ERVAS E PLANTAS QUE CURAM O CORPO E A ALMA**

Ervas e plantas, mulher e saber, é uma combinação que, quando feita de forma correta, transforma muitas vidas. Assim acontece na Comunidade quilombola do São José, no cotidiano das mulheres, quando não tinham acesso a remédios receitados por médicos, buscavam a cura nos remédios medicinais. Essas mulheres não trocam fazer uso dos

remédios caseiros por remédios farmacêuticos. Portanto a importância da prática medicinal, para essas mulheres vai além de plantas, é a confiança de um saber que por anos e anos viram ser exercido e exercem, é uma confiança que foi adquirida. Portanto, a comunidade segue essa prática medicinal como método de cura até os dias atuais.

No quadro abaixo são abordadas e explicadas algumas das plantas medicinais que a comunidade faz uso e possuem nos seus quintais.

Quadro III - O saber ancestral de uma comunidade quilombola no Acará/PA.

<b>Nome popular</b>	<b>Nome científico</b>	<b>Para que é usado</b>	<b>Onde é encontrado</b>
Coramina	<i>Pedilanthus tithymaloides</i>	As folhas combate falta de ar	É encontrado no quintal dos moradores
Marupazinho	<i>Eleutherine bulbosa</i> ou <i>Eleutherine plicata</i>	A batata combate dores de barriga e diarreia	É encontrada no quintal dos moradores
Trevo roxo	<i>Oxalis triangularis</i>	O sumo das folhas combate dor no ouvido	É encontrado no quintal dos moradores
Lágrimas de nossa senhora	<i>Coix lacryma- jobi</i>	As folhas combate infecção urinária	É encontrado no quintal dos moradores
Jucá	<i>Libidibia ferrea</i>	A fava ou a casaca combater inflamação	Ela é encontrada no quintal dos moradores
Capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	As folhas combate insônias e dores de cabeça	É encontrado no quintal
Forsangue	<i>Justicia secunda vahl</i>	As folhas combate anemia	É encontrada no quintal dos moradores
Pariri	<i>Arrabidaea chica verlot</i>	As folhas combate anemia	É encontrada no quintal dos moradores
Verônica	<i>Veronica officinalis</i>	a casca combate à inflamação.  Ao ser colocada na água é usado pelas	Ela é encontrada nos igapós

		mulheres para lavar as partes íntimas	
Hortelã grande	Hortelã da folha grossa	As folhas combate tosse e dores de garganta	É encontrado no quintal dos moradores
Vic em Planta	Mentha arvensis L. Var. Piperascens	As folhas combate gripes e náuseas	É encontrado no quintal dos moradores
Boldo	Peumus boldus	As folhas combate gases e constipação	É encontrado no quintal dos moradores
Vinagreira roxa	Hibiscus sabdariffa	As folhas combatem inflamação e ajuda controlar a pressão	É encontrado no quintal dos moradores
Amoxicilina	Terramicina ou penicilina	As folhas da planta, combate inflamações e ajudar sara feridas	É encontrado no quintal dos moradores

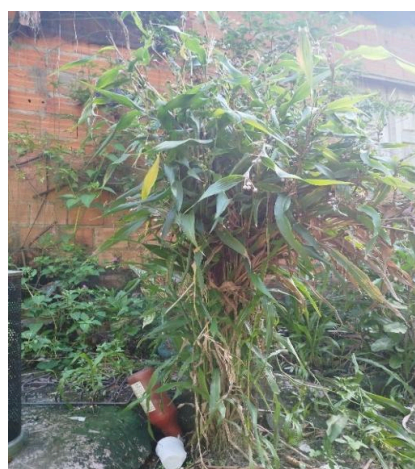
Fonte: Elaborado pela própria autora (2025).

As plantas medicinais a seguir descritas, foram escolhidas por serem as mais utilizadas na comunidade para curar doenças.

Figura 9 – Jucá



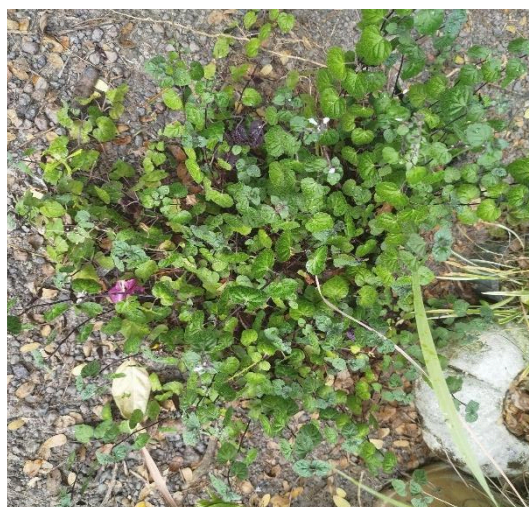
Figura 10 – Lágrimas de Nossa Senhora



Fonte: Banco de imagens da autora (2025).

Figura 11 – Trevo Roxo

Figura 12 – Capim Santo



Fonte: Banco de imagens da autora (2025)

Figura 13 - Boldo



Figura 14 - Sabugueiro



Fonte: Banco de imagens da autora (2025).

Figura 15 - Hortelã grande



Figura 16 - Pariri



Fonte: Banco de imagens da autora (2025).

Figura 17 - Forsangue



Fonte: Banco de imagens da autora (2025).

Figura 18 – Coramina



Figura 19 - Vic

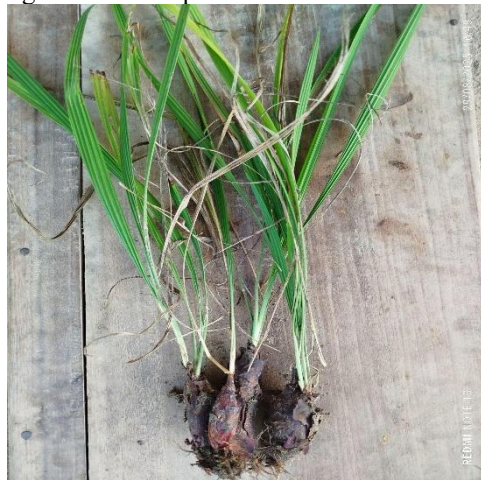


Fonte: Banco de imagens da autora (2025).

20 – Veronica



Figura 21 - Marupazinho



Fonte: Banco de imagens da autora (2025).

Figura 22 - Vinagreira roxa



Figura 23 - Amoxicilina



Fonte: Banco de imagens da autora (2025)

Concomitante ao exposto, são essas mulheres mais velhas que não ficam sem seus pés de boldo, hortelã, capim santo nos seus quintais, porque são as ervas que salvam elas numa emergência em caso de dores. Essas mulheres são provas de resistência, é por meio delas que a cultura das ervas resiste na comunidade até os dias de hoje.

Na fala de dona Maria da conceição, ela relata que ao ver dela as mulheres mais velhas do quilombo, devido fazerem muito o uso das ervas e não de remédios de farmácia, elas vivem melhor, tem menor probabilidade de doenças, porque ela acredita que fazer uso das ervas faz com que elas vivam bem e melhor.

Ter os saberes tradicionais no cuidado com a saúde das mulheres mais velhas, vai além de hospitais e remédios farmacêuticos, eles estão no cultivo e preparativos de chás, banhos e garrafadas que aprenderam a fazer no seio da família e da comunidade. Podendo repassar esse conhecimento com muito gosto para quem quiser aprender. Pois aprenderam com suas avós e mães, e a necessidade da continuidade e da valorização da cultura medicinal é muito importante. Ter o conhecimento de uma planta que pode aliviar, curar doenças é um privilégio para as mulheres, pois elas sabem que esse saber está ligado a uma história deixada por seus antepassados, conforme afirma Fernandes e Freitas (2018):

[...] é importante destacar também a ameaça ao cultivo de ervas medicinais dentro de comunidades tradicionais, devido à recente falta de interesse dos jovens e às pressões culturais externas para adoção de tratamentos da medicina moderna (Fernandes; Freitas, 2018).

É preciso que haja uma relação de interesse de jovens e idosos para haver uma continuação de práticas medicinais na comunidade, como no caso da Comunidade quilombola do São José, mas não é o que as mulheres mais velhas percebem. Elas se entristecem ao

perceber que esse saber tradicional aos poucos está se perdendo por não haver o interesse dos mais novos pelo uso das plantas. O avanço da tecnologia na comunidade permite uma cadeia de informações, as pessoas podem estar na sua casa e se comunicar com outra que está em outro local, como em Belém, geralmente é onde são comprados os remédios em farmácia por não haver na comunidade. As facilidades de comprar remédios industrializados faz com que os jovens deixem de lado os banhos e xaropes caseiros. Uma grande parte das mulheres mais novas preferem fazer o uso de medicamentos farmacêuticos, antes mesmo de fazer uso de remédio medicinal das plantas, algo que é bem diferente dos costumes das mulheres mais velhas. O uso da tecnologia faz com que as mulheres, principalmente as mais jovens, se distanciam presencialmente uma das outras, ficando de lado os laços harmônicos, as trocas e os conhecimentos. Em síntese, de acordo com o exposto pelas mulheres entrevistadas e pela minha análise, é preciso que o uso das ervas seja exercido com mais frequência pela juventude, para não se perder um saber tão importante e significativo para a comunidade e seus sujeitos. A alegria de poder ajudar a comunidade é encontrada nas falas, e nas expressões dessas mulheres, que tem o saber das plantas como um meio de curar dores nas horas inesperadas da vida.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em conclusão é correto afirmar que, são essas mulheres mais velhas as principais responsáveis em dar seguimento na cultura medicinal das plantas na comunidade, sentem orgulho de falar que fazem uso das ervas, tendo como o principal meio de prática de cura. A importância de ter determinadas plantas no quintal dessas mulheres contribui para a continuação da cultura do uso das plantas medicinais, posto que é uma cultura que não trocam por nada, muitas nem por remédios prescritos por médicos, são resistentes e fazem uso disso como meio de valorizar e preservar o saber medicinal e ancestral.

Resistir é um meio de sobrevivência para muitas comunidades quilombolas. Contar para gerações futuras a história que se passou é motivo de orgulho. Os moradores do Quilombo São José foram e são exemplos de força e resistência incansável, lutam para ter direito ao território, pela sua identidade cultural, por condições de vida dignas e respeito para além do que está constitucionalmente assegurado.

### **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, A. W. B. de. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 9, 2004. DOI: 10.22296/2317-1529.2004v6n1p9. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/102>. Acesso em: 15 ago. 2025.

ALONSO, Priscila de Lima. História oral – uma janela para a narrativa de Walter Benjamin. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 16, n. 2, p. 28–42, jul./dez. 2019. ISSN 1807-6971. Disponível em: [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br). Acesso em: 8 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS** / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. – 3. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

DOMINGUES, P.; GOMES, F. HISTÓRIAS DOS QUILOMBOS E MEMÓRIAS DOS QUILOMBOLAS NO BRASIL: REVISITANDO UM DIÁLOGO AUSENTE NA LEI 10.639/031. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 05–28, 2013. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/187>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SANDES, Luiza Fernandes Fonseca; FREITAS, Daniel. **Cultivo e uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: DIVERSIDADE, FORMAÇÃO E SABERES DOCENTES, 1., 2025. Anais. Disponível em: <https://proceedings.science/cied/trabalhos/cultivo-e-uso-de-plantas-medicinais-em-comunidades-quilombolas?lang=pt-br>. Acesso em: 5 ago. 2025.

SILVA, Danilo Ramos. Clóvis Moura e a sua rebelião. *Lutas Sociais*, São Paulo, v. 19, n. 34, p. 228–230, jan./jun. 2015. Disponível em: [25771-Texto\\_do\\_artigo-74826-1-10-20160618\[1\].pdf](https://periodicos.ufrj.br/revistas/lutas_sociais/article/view/25771-Texto_do_artigo-74826-1-10-20160618[1].pdf). Acesso em: 5 set. 2025.

SOUSA, Maria Clara de; QUEIROZ, Gêssica da Silva; MORAIS, Maria Gabriela Gomes de; ALBUQUERQUE, Lucas Tavares Cruz de; MALHEIRO, Djailson Ricardo; OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Cura pela Fé: As Benzedeiras do Cariri Cearense / Healing by Faith: The Benzedeiras of Cariri Cearense. *ID on line. Revista de psicologia*, [S. l.], v. 15, n. 54, p. 323–332, 2021. DOI: 10.14295/idonline.v15i54.2971. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2971>. Acesso em: 28 ago. 2025.

VASCONCELOS, VALÉRIA OLIVEIRA DE; OLIVEIRA, Renata Evangelista. EDUCAÇÃO POPULAR, SABERES TRADICIONAIS E DEBATES INSUBMISSOS: UM DIÁLOGO COM CARLOS RODRIGUES BRANDÃO. *Revista Debates Insubmissos*, [S. l.], v. 4, n. 13, p. 208–224, 2021. DOI: 10.32359/debin2021.v4.n13.p208-224. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/view/250912>. Acesso em: 5 set. 2025.

